COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

NUNES PEREIRA

HISTÓRIAS E VOCABULÁRIO DOS ÍNDIOS UITOTO

[DOCUMENTO Nº 156]

Os guerreiros, quando iam defrontar inimigos, se pintavam com urucu, denominado, em Uitoto, *nomóc*. As tatuagens de urucu, chamavam *hidóro*.

Os guerreiros se chamavam: VALICÔNE ou ROBAIME (matador), sendo encarregados de matar e de queimar as barracas.

O distintivo do chefe era uma faixa de tururi branco, que lhe cingia a cabeça. Os homens usavam tapa-sexo de tururi: as mulheres não usavam tangas, mas se menstruadas, usavam uma faixa de tururi, também.

Estar menstruada se dizia: *deiacité*.

Nessas condições só comiam beijus e mandubi. E trabalhavam à mão, na roça. Não podiam tocar em nenhum objeto ou comida pertencente a outrem. E não podiam falar com homens e mulheres da tribo, porque os dentes desses apodreceriam.

Nenhuma festa era realizada para celebração ao primeiro mênstruo por isso que aquele estado não a justificaria.

Histórias e vocabulário dos índios uitoto

Documento n.º 156

Nunes Pereira

Histórias e vocabulário
dos índios uitoto

Documento n.º 156

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARA
Sede provisória: MUSEU GOELDI

BELÉM- PARÁ- BRASI L
1951

Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.

Omar Aziz
Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.

Em maio de 1946 estive alguns dias em São Paulo de Olivença, sede do município do mesmo nome, no Estado do Amazonas, ali conhecendo José Antônio Abelardo, índio Uitoto, natural do rio Chorero, no IÇA COLUMBIANO, também geograficamente conhecido pelo nome de PUTUMAYO.

Dizia-se filho do chefe (ltiame ou Idiama) COEGANEIMA, já falecido.

Como freguês dos Mafra, do lugar VENDAVAL, no rio Solimões, estava ali de passagem para o ALTO RIO JUNDIATUBA, bastante frequentado por causa das suas madeiras de lei.

Dele obtive as lendas ou histórias (*hafuédjóte*), que ora são dadas à estampa, o vocabulário e algumas notas acerca de certos aspectos culturais da sua tribo. Não obstante conhecesse eu as obras de Crévaux, Martius, Preuss, Tessmann, Koch-Grünberg e, também, os trabalhos dos franciscanos de Sibundoy (Putumayo, Colombia), através das páginas da revista AMAZÔNIA COLOMBIA NA AMERICANISTA, órgão semestral da CILEAC (Centro de Investigaciones Linguisticas e Etnologica de la Amazônia Colombiana), achei que esse material poderia ser utilizado amanhã num estudo comparativo, por exemplo, do que já se conhece dos UITOTO, localizados, segundo Koch-Grünberg; entre 72º e 79º, de longitude, ao oeste de Paris, e dos MIRANHA, localizados, a partir do lago de Tefé, até os nossos limites eom a Colômbia, no Japurá, isto é, em território brasileiro.

Aliás, idêntico pensamento foi expresso pelo p. Marcelino de Castelvi, O. F. M., cap. diretor da revista acima citada, quando, apreciando os DATOS MITOLOGICOS DE LOS HUITOTOS de la Chorrera, do P. Placido de Calella, O. F. M, cap. escreveu:

"Para que más tarde pueda fijarse con precisión sobre que áreas amazônicas se extiende cada una de las variantes mitologicas de los huitotos y cuales influencias haya recebido, se intenta comprobar y completar ahora la múltiple información existente, praticando sondeos en

diferentes informadores de cada tribu y repitiendo encuestas en los extremos del área huitoto y en sus numerosas enclaves".

É verdade que, abaixo de São Paulo de Olivença, em MATAURÁ, perto da MISSÃO DOS FRANCISCANOS, dirigida por FREI PIO, talvez um grupo de UITOTO, para ali transplantado, me pudesse fornecer mais numerosas e interessantes lendas ou histórias dessa tribo, cujo martirológio no PUTUMAYO, ao tempo do *rush* do caucho, SIR ROGER CASEMENT denunciou ao mundo civilizado, revelando, entre outros fatos, que a produção de quatro mil toneladas de caucho, entre 1900 e 1911, havia custado a vida a trinta mil indígenas, não havendo, creio eu, custado menos vidas de indígenas a exploração dos seringais brasileiros da Amazônia.

No entanto, o meu trabalho é também uma sondagem na mentalidade de um informante UITOTO, desenraizado do seu meio, mas conservando na sua memória elementos da vida social e da vida mitológica da sua gente.

Que este trabalho possa ser proveitoso a qualquer pesquisador dos aspectos culturais desse infeliz povo, na Colômbia ou no Brasil, é quanto almejo.

Pará – Belém, junho de 1951.

N. P.

ASPECTOS CULTURAIS DOS UITOTO

A nação UITOTO se compunha de diversos clãs, assim denominados:

IVICUENA (pimenta)
CIUÊNE (taboca)
NOGÔME (panela)
DORIVO (paxiúba)
RODIÉGURO (frio)
MONANIÇA (céu)
QUITOBÉGE (veado-capoeira)
RAIOVO (cobra)
OCIGUÊNE (maniva)
TALFÊEO (diabo)
NÉMENE (ananás)

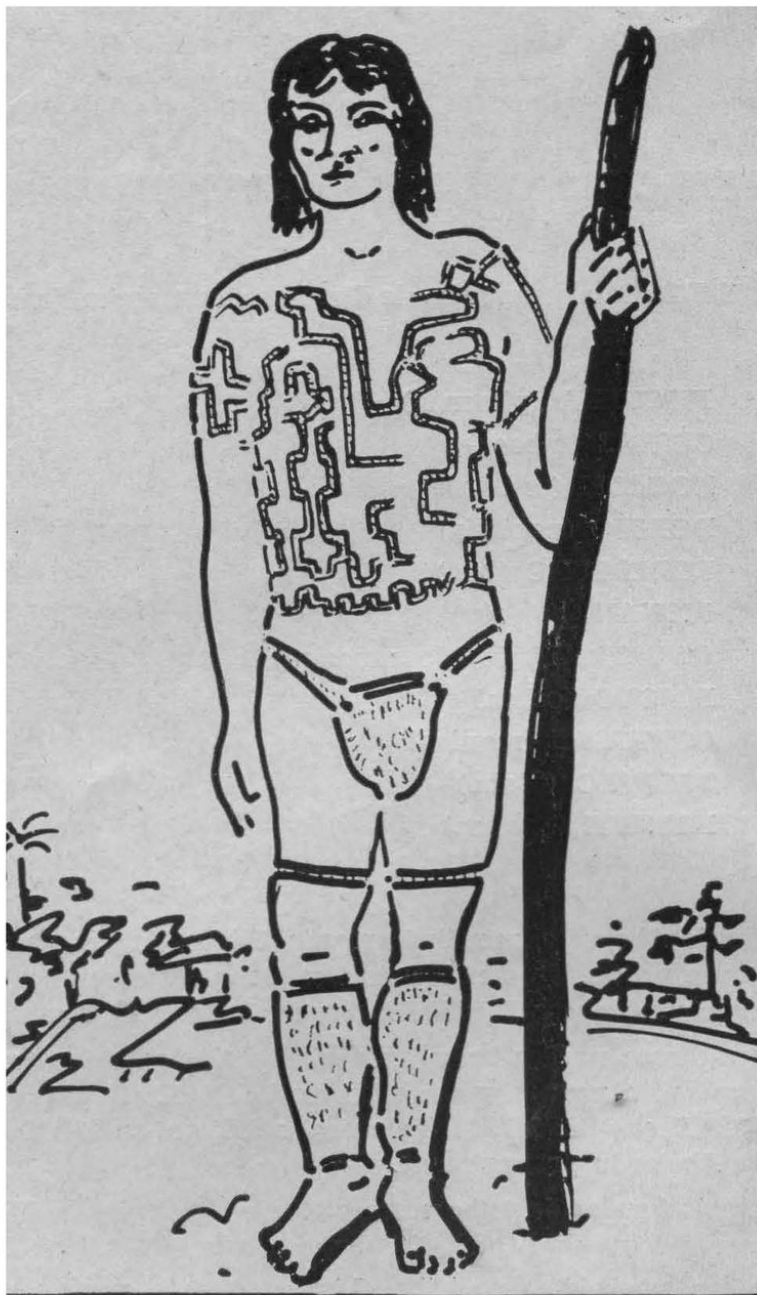
José Antônio Abelardo, meu informante uitoto, depois de esclarecer que a sua gente procedia do norte do Peru, me disse ser do clã IVICUENA, porque seu pai era IVICUENA; sua mãe, porém, era CIUÉNE.

Cada uma dessas nações tinha uma gíria própria; todas, entretanto, não compreendiam e nem falavam a língua UITOTO. Os dos clãs IVICUENA, OIUÉNE e QUITOBÉGE falavam o Uitoto ou VITOTO, como José Antônio Abelardo pronunciava.

As principais figuras da tribo eram o chefe, denominado ITIAME ou IDIAMA, e o medicine-man ou pajé, denominado AlMA.

O chefe era escolhido pela tribo. Morto o chefe, porém, seu irmão mais velho o substituía, depois outro irmão, enfim, todos os demais irmãos, até recair sobre o primogênito.

O pajé recebia do chefe ordens para curar este ou aquele doente e estava obrigado a ensinar a sua arte aos jovens, para que a tribo não ficasse sem médico e sacerdote.

A tribo contava com dois chefes militares: FUIRIRAMA.

Tipo de tatuagem masculina em um índlo Uitoto

Os guerreiros, quando iam defrontar inimigos, se pintavam com urucu, denominado, em Uitoto, *nomóc*. As tatuagens de urucu, chamavam *hidóro*.

Os guerreiros se chamavam: VALICÔNE ou ROBAIME (matador), sendo encarregados de matar e de queimar as barracas.

O distintivo do chefe era uma faixa de tururi branco, que lhe cingia a cabeça. Os homens usavam tapa-sexo de tururi: as mulheres não usavam tangas, mas se menstruadas, usavam uma faixa de tururi, também.

Estar menstruada se dizia: *deiacité*.

Nessas condições só comiam beijus e mandubi. E trabalhavam à mão, na roça. Não podiam tocar em nenhum objeto ou comida pertencente a outrem. E não podiam falar com homens e mulheres da tribo, porque os dentes desses apodreceriam.

Nenhuma festa era realizada para celebração ao primeiro mênstruo por isso que aquele estado não a justificaria.

Para lhe limpar o estômago, davam-lhe de beber água de *cedrereila*.

Para se casarem obedeciam à seguinte tradição: o pretendente à mulher, pedia-a ao pai e, se ela fosse órfã, pedia ao tio mais velho e, assim, sucessivamente, até pedi-la ao avô ou à mãe.

– *Oiçana hi táde* – dizia o pretendente.

E o pai da moça respondia, desdenhando:

– *Rariéde* – preguiçoso.

O pretendente propunha-se a trabalhar na roça durante o ano:

– *Iecedei hitaíde.*

O velho consentia:

– *Uño!* – leva!

O pretendente era assim obrigado a trabalhar para o sogro. Quando acabava de trabalhar levava a mulher para a casa dos seus pais. Eram monógamos. Não admitiam relações entre parentes próximos. Ao encontrar uma tia o sobrinho voltava o rosto de lado e a deivava passar.

Quando nascia uma criança não faziam festa, mas obedeciam a um resguardo que chamavam *fuimáde*.

Ao umbigo da criança, que a própria mãe cortava, chamavam *rêquima*.

Se a criança era do sexo masculino o pai lhe dava um destes nomes:

HIHIRUMA
BOINADJAI
HIFIGUIMA
NOICÔDO
REGUETOMA
NOINIQUE

Se a criança era do sexo feminino, o pai lhe dava um destes nomes:

COMINOIBINANUN
GUERERANI
HIRÁCADIÊNE

As mães carregavam os filhos em tipoias, que eram feitas de tururi branco, sendo algumas artisticamente pintadas.

Morto qualquer indivíduo, era enterrado no centro da casa, que continuava a ser habitada pela família. Era enfaixado (entaniçado) com tururi e enterrado deitado.

Não festejavam os mortos como não festejavam, também, casamento.

O chefe e o filho deste usavam uma coroa de penas de papagaio, que criavam para esse fim.

As mulheres usavam um brinco feito de uruá, chamado BURUGUE.

A sua arma principal era a zarabatana, feita da madeira denominada *punã*, que se encontra na terra firme, da qual retiravam o amago, chamavam-na COMÊQUE. E como veneno para as pequenas flechas usavam o ALFÓIA, preparado com raspas do cipó do mesmo nome.

O velho que o preparava nada comia, enquanto o estava cozinhando, e ia buscar água para a juntar à panela de barro, retendo o fôlego, porque, se assim não o fizesse, o veneno ficaria fraco, sem ação enérgica e imediata.

Não comiam o peixe acará-açu, nem o davam aos filhos, porque acreditavam que do ocelo do mesmo provinham feridas.

Faziam vinhos com goma e caldos de frutos: ananás, buriti. Não bebiam vinhos altamente fermentados para que não brigassem entre si.

Cozinhavam as folhas do fumo até dar-lhes consistência pastosa apurando o mel. E comiam-no assim.

Mascavam as folhas do arbusto denominado GIBOI, que não era outra planta senão a da coca. Aspiravam-lhe o pó das folhas, torradas e trituradas, de mistura com a cinza da embaúba (uma cecrópia).

Castigavam o vício do onanismo nas meninas e nos meninos com surras de cipó.

ALGUMAS LENDAS OU HISTÓRIA DOS ÍNDIOS UITOTO

(Contadas pelo índio José Antônio Abelardo, natural do Rio Chorero, no iça colombiano, em maio de 1916)

História dos gêmeos

No começo do mundo existiam dois chefes poderosos, chamados Mogore Hitoma e Heririama Nocaido.

Este era solteiro e aquele era casado com uma mulher chamada Hicebéne Alfuéde.

Um dia Hitoma desconfiou que Nocaido estava cobiçando sua mulher. Nocaide era o Tucano. Andava em redor da casa de Hitoma, com o bico arrastando pelo chão, sacudindo a cabeça, de um lado para o outro, e espiando para dentro, pois a mulher deste estava ali.

Hitoma ficou cheio de ciúme e resolveu afastar Nocaido, – o Tucano – da sua vizinhança.

Jogou-lhe piolhos sobre a cabeça. Muitos, muitos piolhos.

Mas o Tucano inventou o pente e, passando-o pela cabeça, tirou e matou todos os piolhos.

E, vingando-se de Hitoma, lhe jogou aos pés muitas pulgas, para que os bichos de pé o aborrecessem, também.

Mas Hitoma inventou o leite de sorva e o passou nos pés, afastando as pulgas.

Como ciúme de Hitoma não o deixava sossegar, Hitoma resolveu matar o Tucano.

Apanhou sua zarabatana e atirou uma flechinha envenenada no Tucano e Tucano caiu logo, ali mesmo, morto.

Hitoma, como não tinha panela, levou o Tucano morto para casa de um amigo, bem longe, a fim de festejar a morte do seu inimigo.

Mas o Tucano havia feito um acordo com o Gaimo, que era uma onça. No caso de ele ser morto por alguém o

Gaimo passaria a ser o chefe, ocupando-lhe o cargo, e lhe vingaria a morte.

O Gaimo foi, então, esperar Hitoma na beira de um igarapé, perto do lugar onde o matador do Tucano costumava tomar banho. No outro dia, quando Hitoma chegou da roça, falou com a mulher e foi logo tomar banho, levando consigo um dos seus filhos – o maior. Os dois outros: eram gêmeos e haviam nascido naqueles dias.

Então, o Gaimo saltou sobre Hitoma e o matou. O filha dele se escondeu, tremendo de medo, debaixo de um pau. E virou Bacurau. O Gaimo comeu o fígado, as tripas, o coração de Hitoma, ali mesmo. Depois, cobriu o resto de sua embiara com as folhas e só veio acabar de comê-lo no dia seguinte.

No chão ficaram só os ossos.

A água do igarapé e a terra do barranco que caía, cobriram os ossos, de Hitoma.

O Gaimo foi-se embora para casa, muito alegre porque cumprira a promessa feita a seu amigo, o Tucano.

Hitoma matara a Tucana sem-razão; só por ciúme de sua mulher que era bonita e namoradeira.

Hicebéme Alfuéde, mulher de Hitoma, ficando viúva, cuidou dos filhos gêmeos. E quando ia tomar banha no igarapé, levava-as consigo.

Os meninos, assim, foram ficando fortes e logo começaram a andar; mas eram muito pequeninos.

Esses meninos se chamavam Manaro Hitoma e Ficido Hicéma. Quando começaram a falar, um deles, muito ladino, perguntou à sua mãe:

– Onde está nosso pai?

Conta...

– Vocês nunca tiveram pai – mentiu a mulher.

– Como foi que nós nascemos?

– Peguei um punhado de breu que o Cunuaru me deu, e esfreguei na barriga. Então, vocês nasceram poucos dias depois.

A mulher estava mentindo.

No outro dia o menino perguntou de novo:
– Onde está nosso pai? Conta...
– Vocês nunca tiveram pai. Vocês saíram da barriga da minha perna.
Um dos meninos foi espiar a barriga da perna da mulher, olhou, olhou e disse ao irmão:
– Nossa mãe está mentindo. No outra dia um dos gêmeos perguntou à sua mãe:
– Onde está nosso pai? Conta...
– Vocês nunca tiveram pai. Eu fiz vocês de breu.
Os meninos foram apanhar breu e fizeram um boneco. Mas esse boneco não andava e nem falava.
Esfregaram a boneco na costa e no sexo da mulher. O boneco não andou e nem falou.
– Nossa mãe mentiu – disseram entre si.
No outro dia foram tornar banho no igarapé. E encontraram o peixe Jacundá com a mulher e os filhos.
O Jacundá lhes contou como é que a mulher dele tinha tido aquelos jacundazinhos, que eram seus filhos. Os gêmeos compreenderam tudo e disseram:
– Nossa mãe mentiu.
Voltaram para casa. A mãe deles estava na beira do fogo assando comida. Nas costas da mulher eles viram muitas cabas. Então, com as suas flechinhas foram caçando as cabas da costa da mulher.
Uma das flechinhas picou a mulher. E ela pulou, vendo que havia sido flechada pelos filhos.
– Vocês são como meu marido, o pai de vocês: estão matando cabas da minha costa, como ele matava. Sem querer, a mulher estava dizendo que eles também tinham tido pai.
– E onde está nosso pai?
– Morreu queimado numa coivara.
Os meninos foram buscar paus e folhas e fizeram uma coivara. Um deles pagou o outro pelos braços e o jogou na coivara. O menino saiu de dentro da coivara, rindo para o irmão.
– Nossa mãe mentiu – disseram entre si.

E perguntaram-lhe:
– Onde está nosso pai? Conta...
– Ele subiu naquele pau alto e caiu de lá de cima, morrendo. Um dos meninos subiu ao pau e se jogou do galho mais alto. Mas caiu de pé, diante do irmão.
– Nossa mãe mentiu – disseram.
E foram, de novo, perguntar à mulher:
– Onde está nosso pai? Conta...
– Anda por aí uma bola, aos pulos, pelos matos. Dentro dela estão pedaços de carne e de osso, de cabelos, da gente que ela matou. Fol ela que matou o pai de vocês. Procurem essa bola.
A mulher queria que a bola matasse também os seus filhos.
Os dois irmãos saíram à procura da bola.
E a encontraram. Era uma bola enorme. Um dos gêmeos disse:
– Deixa que eu agarre essa bola.
A bola veio saltando, saltando na direção deles. O menino quis apará-la com um dos joelhos. A bola caiu sobre ele e o esmagou.
O irmão dele, de longe, viu o que aconteceu. Pôs-se a chorar, sentado num pau. A alma do menino morto lhe disse:
– Mano, vai procurar a palmeira marajá e, em cima de uma das suas folhas, acharás um ovo de beija-flor. Eu estou encantado dentro daquele ovinho.
O menino se levantou e foi pelos matos procurar a palmeira marajá e o ovinho de beija-flor.
Achou a palmeira marajá e achou o ovinho de beija-flor, em cima de uma folha. Agarrou o ovinho. Dentro dele o beija-florzinho estava batendo com o bico na coroa do ovo para furar.
O menino apanhou um espinho e furou o ovo. O espinho entrou num dos olhos do beija-flor, furando-o. O beija-flor ficou cego de um lado só.
Saiu de dentro do ovo e se pôs a voar em volta das flores do mato, perto. O irmão o chamou:

– Vamos embora para nossa casa.
– Não. Vamos ver nossos tios – os pajés.
Os tios deles eram todos os peixes. E eram pajés porque sabiam artes mágicas, curar doentes, afastar moléstias. Os dois irmãos foram. E contaram o que lhes acontecera aos tios. Os tios fizeram o beija-flor se transformar num menino, mas esse menino era caolho, só tinha uma vista: a direita. Os meninos se despediram dos tios e voltaram para casa. A mãe deles estava na roça.
O menino que era caolho entrou em casa correndo e saltando. Depois ficou escondido num canto da casa, dali conversando com o irmão.
– Nossa mãe mentiu, ela nos está enganando sempre. Ela não quer contar como morreu nosso pai.
Alfuéde, mulher de Hitoma, vinha entrando em casa e ouviu a voz de um dos filhos.
– Com quem estás conversando?
– Sozinho. Eu sou homem e posso conversar comigo mesmo. Nisso, o outro menino saiu do lugar onde estava escondido e foi logo perguntando à mãe:
– Onde está nosso pai? Conta...
A mulher disse:
– Vejam! Os passarinhos e todos os bichos de pena estão comendo os frutos das nossas árvores. Andem! Matem eles!
– Nossas flechinhas não têm veneno. Onde está a zarabatana e as flechinhas e o pote de veneno de nosso pai? Onde está o veneno?
– Fechem os olhos que eu ponho veneno nas flechinhas de vocês.
Um menino tapou os dois olhos, mas o caolho só tapou o furado e viu, por entre os dedos das mãos, o que sua mãe fazia.
Ela abriu as pernas e meteu as flechinhas no seu sexo.
– Agora, abram os olhos. E tomem as flechinhas de vocês. Agora elas já matam.

Os meninos começaram a flechar as aves, os pássaros, no alto dos abieiros, dos ingazeiros, dos açaizeiros, das bacabeiras.

A mulher ia ajuntando os pássaros e as aves que caíam mortos e os metia numa panela. Assim, todo dia, levava comida para o seu companheiro. Os meninos cercaram depois outras árvores mais distantes de casa, que ficaram limpas de aves e de pássaros.

Mas havia um mapati com os galhos cheios de aves e de pássaros. Os meninos foram procurá-lo e mataram todas as aves e todos os pássaros, que encontravam.

Flecharam até a Borboleta Azul na ilharga. A Borboleta Azul caiu ao chão, flechada. E pediu aos gêmeos:

– Curem-me, curem-me!

O caolho dizia:

– Não! Não cura, irmão! Deixa que ela morra!

– Curem-me! Curem-me! – pedia a Borboleta Azul.

– Não cura, não cura, pedia o caolho.

– Curem-me, que eu conto quem era o pai de vocês e como ele morreu.

O caolho disse ao irmão:

– Então cura a Borboleta Azul.

O irmão tirou a flechinha da ilharga da Borboleta Azul e pôs na ferida um pedaço de concha do rio.

A Borboleta Azul, assim que se viu curada, escapuliu das mãos dos meninos e desapareceu no meio da copa de uma árvore alta, alta.

Então os meninos continuaram a caçar. E flecharam um Pica-pau pequeno, que estava num abieiro.

O Pica-pau caiu no chão, gritando:

– Curem-me, curem-me!

Ficido Hicéma – o caolho – porém gritava:

– Não cura! Não cura!

– Cura-me, cura-me! E eu contarei quem era o pai de vocês e como ele moreu.

– Então cura! – aconselhou o caolho ao irmão.

Monaro Hitoma perguntou ao Pica-pauzinho:

– Tu não me enganas?
– Eu não sei contar bem, mas outro Pica-pau – o Grande – conta bem.
Os meninos curaram o Pica-pauzinho e o soltaram. Continuando a caçar, os meninos encontraram o Pica-pau grande. Hitoma o flechou. O Pica-pau grande caiu gritando:
– Curem-me, curem-me!
E o caolho gritava:
– Agarre bem esse Pica-pau. Agarre bem!
Monaro Hitoma o agarrou com ambas as mãos.
– Cura-me, cura-me, que eu conto quem era o pai de vocês e quem o matou.
Ficido Hicéma gritou:
– Conta! Conta! E nós te curaremos.
– O pai de vocês era Magore Hitoma. A onça Gaimo o comeu. A mãe de vocês mentiu. O Gaimo mora aí na ponta do pau tinumboca. A zarabatana dele está na cumeeira da casa e o pote de veneno e as flechinhas estão entre as palhas.
Quando o Pica-pau estava contando isso o Tamaquaré caiu da cumeeira da casa e sacudiu a mão na direção da zarabatana e do pote de veneno.
A mãe dos meninos disse:
– Este é o tio de vocês.
O Pica-pau grande disse:
– É mentira. A mãe de vocês está mentindo. O Tamaquaré vai mostrar somente onde estão a zarabatana, as flechinhas e o pote de veneno do pai de vocês.
A mulher foi embora com raiva. E o Pica-pau grande continuou a contar:
– O Gaimo mora no oco do pau, bem no alto, e, rente ao pau, desce um cipó. Quem esbarra no cipó avisa, sem querer, que, em baixo da tinumboca, tem gente.
Mas o Gaimo não aparece logo. Quem aparece primeiro é o seu criado – o Macaco da Noite. Tu pões um cesto de terra no ombro e um tronco de embaúba com folhas. E tu levas a zarabatana com flechas bem envenenadas. Chegando ao pé da tinumboca – que é a casa do Gaimo –, sacode

o cipó. O Macaco da Noite virá espiar primeiro quem é. E tu, Hitoma, te esconderás. E ele, assim, não verá teu irmão que deverá ficar debaixo da terra e sob folhas de embaúba, dentro do cesto. Então sacode o cipó, de novo. E o Gaimo aparecerá. Flecha-o logo, flecha no membro dele.

Vai enganar a onça, tu, primeiro, disse o Pica-pau a Ficido Hicéma. O menino foi. E Hitoma foi atrás dele, soltando o Pica-pau grande que foi embora, curado.

Os meninos fizeram como o Pica-pau grande lhes ensinara. Ficido sacudiu o cipó, com a embaúba.

Apareceu primeiro o Macaco da Noite. Espiou, espiou mas só viu a embaúba e o cesto de terra. Ficido disse ao irmão:

– Ainda não é ele. É o criado.

E puxou de novo o cipó.

A Onça apareceu. Pôs só a cabeça de fora e depois saiu de dentro do oco do pau.

– Agora é o Gaimo, disse Ficido ao irmão. Flecha o membro dele. Hitoma lhe flechou o membro. E o Gaimo caiu do alto da tinumboca e morreu.

Todos os bichos do lugar, pássaros, aves, macacos, veados, porcos, cotias, ratos, ficaram contentes, porque eram gente de Hitoma, parente dele.

A mãe dos meninos gritou:

– Quem foi que contou a vocês?

Os meninos não responderam. Hitoma tirou um dente da Onça para os suspender aos seus colares. E tirou-lhe o couro, que secou ao sol, para se cobrir com ele. E, com o dente da traíra, começou a fazer um buraco no dente da Onça. E o irmão dele o ajudava também.

Quando a mãe dele ouviu o barulho do dente da traíra furando o dente da Onça, disse-lhe:

– Para furar mais depressa sopra o pó que vai saindo do buraco. O menino soprou com força. O pó caiu nos olhos do irmão e nos seus olhos. E esse pó virou formiga de fogo.

Os meninos se puseram a gritar, não suportando as dores que as ferroadas das formigas lhes causavam. Ficaram como cegos. A mãe deles os havia enganado.

Assim que as dores passaram os meninos voaram para o céu. Ali acabariam de furar o dente da Onça que queriam suspender aos seus colares.

O Pica-pau grande foi procurá-los no céu e contou:

– Hitoma, pai de vocês, matou o chefe Heririama Nocaido – o Tucano – com ciúme da mãe de vocês. Mas o Gaimo, que era o companheiro dela e amigo do Tucano, foi quem comeu o pai de vocês. Contou isso e voltou para a terra.

Depois de muitos verões os meninos voltaram do céu. Hicebéne Alfuéde, mãe deles, já estava velha. E morava sozinha.

– Meu filhinho, disse a Monaro Hitoma, depois que vocês foram embora não tive ninguém que tomasse conta de minha roça e das minhas fruteiras. Os ratos roem as minhas macaxeiras e os meus carás. E os passarinhos comem os meus mapatis, os meus abios, as minhas pupunhas, as minhas bananas. Botem já uma armadilha para pegar esses ratos. E matem, flechem, flechem os passarinhos.

No dia seguinte os meninos, de manhã cedo, foram botar armadilha. E voltaram para casa. A velha os chamou:

– Agora, tirem os bichos do meu pé. Tu, disse a Monaro Hitoma, tira os bichos do meu pé direito e põe urucu nos buraquinhos. E tu, Ficido Hicéma, tira os bichos do meu pé esquerdo e põe carvão nos buraquinhos.

Os dois passaram o dia inteiro tirando bichos e pulgas dos pés da velha. Depois dormiram. E, antes de amanhecer, foram espiar a armadilha. Ainda era noite no mato. A armadilha estava pesada e por terra. Os meninos voltaram para casa e falaram:

– Ei, mamãe, nossa armadilha está cheia de ratos.

– Traz, respondeu a velha.

Ela já estava morta, mas o espírito dela ainda estava falando. Monaro Hitoma se sentou perto do fogo, que já estava quase apagado.

Ficido Hicéma lhe disse:

– Meu irmão, não era nossa mãe quem estava na armadilha?

– Vamos espiar?

– Vamos.

Foram.

– Espia, espia aqui o pé da velha, com os buraquinhos de bicho de pulga, cheios de urucu, disse Monaro Hitoma.

– Espia, espia este pé com buraquinhos cheios de carvão, disse Ficido Hicéma. É nossa mãe. Ela vivia com pena do seu amigo o Gaimo – e ainda queria nos enganar.

– Vamos enterrá-la? – perguntou Monaro Hitoma.

– Não temos fogo.

O outro disse:

– Lá em baixo está um homem fazendo tapagens. Ele tem fogo.

Vamos buscar fogo?

O outro disse:

– Vai tu só.

Ficido Hicéma encheu a boca de algodão, transformou-se num beija-flor e voou no rumo da tapagem. E, batendo nela, caiu perto do homem. O filhinho de homem, que estava ali, viu o beija-flor cair ao chão e pediu ao pai:

– Agarra-o, agarra-o para eu criar.

O beija-flor se pôs a tremer. Todo o corpo dele tremia. O homem, então, o pôs perto do fogo, que estava estalando e chispando.

O beija-flor foi logo enchendo a boca e o papo de chispa. O menino gritou:

– Papai, o beija-flor está comendo fogo.

– Então aviva bem o fogo, para ele comer as chispas e as brasinhas.

O menino fez.

Quando o beija-flor estava com o papo cheio de chispas e de brasinhas levantou voo e fugiu.

O menino gritou:

– Papai, o xirimbabo levou o fogo.

O pai disse:

– Não faz mal. Deixa que leve. O fogo que ele roubou se acaba. O meu fogo nunca se acaba.

O beija-flor chegou ao lugar onde Monaro Hitoma ficara, e voltou a ser menino. O menino Ficido Hicéma, que só tinha um olho. Então. Monaro Hitoma e ele fizeram uma grande fogueira e atearam fogo nela. Depois arrastaram o cadáver da velha e o jogaram na fogueira. Quando a fogueira se acabou tiraram os ossos da velha e os enterraram. E choraram, choraram. Depois, foram embora para o centro da terra dos Uitoto.

Uma tarde, encontraram o sapo Ó-daque, à beira de um buraco, cantando: hu! hu! hu!

O caolho disse:

– A alma da nossa mãe entrou por aqui. Vamos cavar?

– Não! Não é a alma da nossa mãe.

– É, teimou o caolho.

– Então, vamos cavar.

Cavaram, cavaram, cavaram. E fizeram um buraco enorme, mas não acharam o sapo Ó-daque, que estava cantando à entrada do buraco que eles haviam cavado tanto.

Hitoma jogava a terra de dentro do buraco com um cesto. Depois, sentou-se no chão e começou a fazer o membro do Gaimo com o barro que seu irmão jogava de dentro do buraco.

Hitoma lhe disse:

– Não é a casa do sapo Ó-daque. Aqui não tem gente.

O caolho, do lado de fora, fazendo o membro do Gaimo, teimava:

– Tem, tem! Está cantando.

– Foi a juruti que cantou.

– Não! Não foi a juruti que cantou. Fol gente.

O sapo Ó-daque era gente.

Hitoma se aborreceu e saiu de dentro do buraco. E correu no rumo daquele canto. O caolho foi atrás dele e encontrou um homem que estava cantando assim:

Vem conversar comigo
e eu te contarei
como teu pai morreu.

Ficido se zangou e, pensando que era carne e eram beijus, que estavam perto do homem, bateu naquilo com os pés. A carne era um bolo de saúva e os beijus eram lama e areia.

– Isto não é carne e nem é tapioca. É saúva e areia e lama, disse Ficido.

Hitoma disse:

– E, agora, como é que vamos pagar essa carne e esses beijus? Isto era carne e eram beijus.

– Não era, teimou caolho. Vamos com o nosso tio, que é o Dono do Sono, e está dormindo sempre.

O tio deles não era gente, mas cobra.

– Ele está sempre dormindo! Ele é Dono do Sono.

Andaram, andaram e chegaram à casa do tio.

Hitama, então, bateu com a zarabatana na ilharga do velho. O velho acordou, mas não abriu os olhos, que estavam cheios de sono e de ramela. Hitoma lhe contou:

– Nossa gente está se acabando.

– Já sei – disse o velho.

– Me dá do teu sono, me dá a tua ramela – pediu Hitoma.

– Me dá, me dá – pediu Ficido. – Nossa gente está apodrecendo.

O tio disse a Hitoma:

– Arranca folha de milho.

Os meninos arrancaram e deram ao tio.

– Fechem os olhos – disse o tio.

Hitoma fechou os olhos, mas Ficido tapou os seus olhos, espiou por entre os dedos. O velho tirou um pouco

da ramela e de sono, embrulhou tudo nas folhas de milho, amarrou bem com envira, mandou que os meninos cobrissem bem os olhos e entregou o embrulho a Hitoma.

– Leva! Lá longe está um homem que é o Dono do Raio. Vai, e, quando estiveres perto dele, acena só com este embrulho. Não o abre nunca. Eu só tenho este resto de sono que te dei agora.

Os meninos foram procurar o Dono do Raio. No caminho encontraram um passarinho que se pôs a cantar: qui, qui, qui!

– Ouviste? – perguntou o caolho ao irmão. – Ele está dizendo: desmancha, desmancha!

Vamos desmanchar este embrulho?

– Não – respondeu-lhe Hitoma.

– Vamos desmanchar! O tio não pôs todo o sono aqui. Ele mentiu. Ficou com mais sono. Não vês? Todos os pássaros sabem. Vamos desmanchar! Vamos desmanchar?

E, tanto pediu e teimou, que Hitoma desmanchou o embrulho. Imediatamente caíram por terra e foram cabeceando e fechando os olhos.

A Sanguessuga e sua gente viram os dois meninos dormindo e chuparam todo o sangue do que era caolho.

Como Hitoma estava embrulhado no couro do Gaimo, as sanguessugas só lhe chuparam o sangue dos braços. Por isso ele pôde acordar no outro dia.

Ficido estava estendido no chão, dormindo como se estivesse morto. Hitoma se levantou, arrancou as sanguessugas dos braços e das pernas. Depois, com um pau, levantou o corpo do irmão e foi banhar-se e banhar Ficido, dizendo-lhe:

– Tu estás sempre me dando trabalho e aborrecimentos, porque és teimoso. Foi para isso que eu te tirei de dentro de um ovo de beija-flor? Agora, onde vamos achar sono?

O teimoso disse:

– Nosso tio tem mais.

– Nosso tio não tem mais. E não nos dará se ainda tiver, porque fomos desobedientes e desmanchamos o embrulho.

– Vamos procurar nosso tio – insistiu Ficido.

E foram de novo. No caminho o caolho disse:

– Vamos matar primeiro alguns pássaros. Nosso tio gosta de pássaros. E se lhe levarmos bastante ele ainda nos arranjará um pouco.

Foram, matando passaras e guardando-os para o tio Dono do Sono. Andaram, andaram. Mias chegando à casa onde o tio morava, não o encontraram. O caolho disse:

– Ele sabia que nós vínhamos no caminho e se escondeu. Bom. Não faz mal. Chama o Dono do Vento e o Dono do Trovão.

Hitoma começou a chamar, como o irmão lhe aconselhara, mas chamando baixo, com receio de ver cair um temporal. Mas Ficido gritava:

– Meu pai tira assim. Briga com a sua mulher, abraçado, e vira um espelho de um lado para o outro. Faz assim com teu irmão.

Ficido fez como a moça ensinou. E pôde pegar o raio macho que estava escondido no esteio. Em seguida arrebatou o abiu das mãos da moça. E os dois irmãos fugiram, correndo.

A moça gritou. Aí o pai dela – que se chamava Ameona – apareceu. E foi atrás dos dois, correndo, correndo, até que pegou Hitoma e tomou o raio das mãos dele.

– Por que não me pediu?

– Porque nossa gente está morrendo. Matando os bichos que são nossos inimigos, nós, depois, te entregaremos o raio.

– Tira esta vara – disse-lhe Ameona.

Os meninos tiraram a vara e Ameona passou urucu na vara. E experimentou num pau a força daquele raio. O pau arrebentou-se, lascando-se e queimando-se.

– Agora – disse Ameona – com este podes matar os inimigos da tua gente.

Os meninos foram embora, levando a vara. Então, encontraram os bichos que estavam comendo a gente de Hitoma e de Ficido.

Os bichos estavam chorando, porque já sabiam que os dois levavam o raio com eles. Hitoma ameaçou o maior de todos os bichos, três vezes e, depois, quatro, com o sono do tio. O bicho dormiu. Aí Hitoma o arpoou com o raio. Hitoma cortou com o raio a ponta do rabo do bicho, e esse pedaço virou veado. Cortou com o raio a cabeça do bicho e essa cabeça virou anta. Por isso, velho come anta e veado. Crianças e moços que comem carne de veado e de anta têm dor de dentes. O bicho morreu. E a história acabou.

O aparecimento do fogo

Antigamente o Fogo não existia, mas os Uitotos não sentiam falta dele, porque não comiam carne de caça: só comiam frutos. A moça Hiteroegueça, filha do velho Monadjururama e da velha Hiteroegueça, vivia presa em casa, sentada sobre folhas de buriti.

Uma noite veio a Minhoca-grande e encontrou a moça cochilando, de pernas abertas e entrou pelo sexo dela.

A moça Hiteroegueça ficou prenha.

Então o espírito da minhoca, no outro dia de manhã, disse àquela moça:

– Quando sentires as dores do parto, vai parir na ponta da terra do igarapé.

Nove meses depois Hiteroegueça sentiu as dores do parto e foi procurar a ponta de terra do igarapé para parir.

Seu pai e sua mãe não sabiam de nada.

A mulher pariu, no escuro, um menino. E, cobrindo-o com uma panela, voltou para casa.

Cinco dias depois voltou à ponta de terra do igarapé e levantou a panela. Ali não estava mais o menino, mas um pé de mandioca – as raízes mergulhadas na terra e na água e os galhos cheios de frutas boas: abiu, ananás, banana.

As raízes da mandioca já estavam escumando.

Vieram as piranhas procurando frutos e derrubaram o pé de mandioca. Ficaram só as raízes da mandioca.

A mulher saltou e ficou em cima de um pau no meio do igarapé. O espírito do menino lhe disse, então, que estava encantado naquela mandioca. Hiteroegueça virou ali mesmo macaco-leão. Nisto apareceu a velha Bacurau, que era Dona do Fogo e vinha fazer beijus com as raízes de mandioca. Atrás dela vinha um menino na costa da sua mãe.

O menino disse:

– Mãe. A velha Bacurau tem fogo na boca. Toma-o dela.

A mulher foi arranjar algodão e deu ao filho. O menino saltou em cima da velha Bacurau e tirou-lhe o fogo da boca.

A velha Bacurau zangou-se e foi embora amaldiçoando o menino que lhe roubara o fogo. O menino deu o fogo à sua mãe.

Então, apareceu o diabo e levou o menino consigo.

Foi aquela mulher quem ensinou aos Uitotos a assar toda carne de caça.

Origem dos Uitoto

Um dia começou a sair gente de um grande buraco. Na frente apareceu logo o preto.

No lugar onde o preto pôs os pés apareceu água, formando um lago. Havia pouca terra por ali.

Toda aquela gente ficou se banhando n'água daquele lago. Então, o gafanhoto cantou:

– O sol já vem! O sol já vem!

E, antes do sol aparecer, a Caba cortou o rabo de toda aquela gente. E os que foram saindo do buraco, depois do sol ter aparecido, viraram coatá, ficaram com rabo.

Os que se estavam banhando viram, dentro do lago, o Agároraíocomuíde, que era o chefe dos Uitoto.

Aquela gente estava com fome.

Fizeram peneira, puçá, jiqui, rede para pegar Agároraíocomuíde, que era o chefe dos Uitoto.

Não conseguiram. Então, a gente negra arpoou o chefe dos Uitoto.

– Vocês mataram o vosso chefe; agora vocês não têm quem vos ensine e defenda.

Todos queriam comer a carne daquele chefe. Mas não tinham fogo para assar e a cozinhar.

– Não tenho fogo – disse um.

– Eu também não tenho – o outro dizia.

Veio o Morcego-branco e disse àquela gente:

– Eu vou buscar fogo para nós.

E foi.

A Estrela-d'alva estava no céu, bem no alto. O Morcego voou até ao lugar onde ela estava. Encheu a boca de fogo e voltou para o meio daquela gente.

Assaram a carne do chefe dos Uitoto. E fizeram a festa para comer.

Foi nessa ocasião e daquele buraco que nasceram os Iviacuéne, Nogone, Caiduare, Oiuêne, Dorivo.

VOCABULÁRIO DA LÍNGUA UITOTO

A tribo Uitoto caracterizava o ambiente em que vivia, bem como as coisas e os fenômenos naturais, com os vocábulos seguintes:

– **A** –

Abano – torei
Abiu – hificogue
Acabou – racoede
Acará – orinio
Acará-açu – caganio
Água – henui
Alegria – iobidén
Algodão – raiquié
Ali – baie
Alto – are
Amanhã – icohíte
Amarelo – boraréde
Ananás – rocide
Andar – macade
Ano – heamona ídjaque (outro verão começou)
Anta – hegademá
Antigamente – nano
Anun-corcoroca – uñoco
Ânus – móifo
Aquela – nái
Aranha – homa
Arara – era
Arco-íris – djoiréu
Areia – cuinediê
Ariramba – djiédo
Ariranha – efuié
Árvore – amêna
Assado – ruica
Açaí – néhe
Avó – oçunio
Avô – oçuma
Asa – iáico
Azul –mocorete

– **B** –

Bacaba – direhê, icehê
Bacurau – fácua, mogaré que
Baço – hacuéve
Baixo – ianoride
Banana – ógodo
Banzeiro – bate
Barba, bigode – armaque
Barraca – hófo
Barranco – icône
Barriga – fénague
Barriga da perna – miaje, miare
Beber – riroacaduque
Beija-flor – ficido
Beiju – airida
Bem-te-vi – etoci
Besouro – hudiaconio
Bexiga – bodiro

Bíceps – naredjo
Bico do peito – mono muído
Bigode (barba) – anaque
Bochecha – caca
Bola – uiqui
Bom – máre
Borboleta – tetêbe
Borboleta azul – ranabudgêgue
Boto – amana
Braço – onofuai
Branco – racudja, hirama
Brasa – cóque
Brincar – rifanote
Brinco de mulher – refoiçe
Bunda – moidj i
Buraco – ifo
Burduna – bigue

– **C** –

Cá – bie
Cabeça – ifógue
Cabelo – vótera
Cabelo do púbis – hueque
Caçador – rautê (a longo)
Cachoeira – nóvico
Cachorro-do-mato – hico (?)
Calcanhar – taicide
Calor – rióréde
Camaleão – cio
Camarão – hóga
Caminho – naço
Campo – tifuire
Cancã – icacãnto
Canela – dj aída
Canoa – nocarái
Capim – haitiquino
Caranã – eréri
Carapanã – uidódo
Carcaz – guidjago
Carne – iéce
Caroço – niequique
Casca (de árvore) – igóre
Caveira – efoiguigore
Centopeia – férecio
Certo – uádj otê
Céu – mõna
Chato – diaréde
Chorar – éde
Chuva – nóque
Cinco – dabecuiro
Clitóris – dicoma
Coatipuru – quiquínio
Cobra – raio
" coral – éganio
" papagaio – uique
" surradeira – djoimenico
Coca – gibói
Comer – ijunõ
Comida – guitié
Concha de rio – guioro-niú
Coração – cumequire
Coroa – noiquire
Correnteza – tôtê
Correr – aicide
Coruja – monoíço
Cozido – céga
Costa – êmondoque
Cotia – fuido
Cotovelo – taiquidjure
Coxa – haco, híaco
Crista – ifoiguebaro
Cuidado – cédale

Cujubim – muidoque
Cunhado – oiima
Cunhada – oitãno
Curimatá – noiquito
Cuspo – tuáque

– **D** –

Dedo – onoque
Deixa – damaite
Dele – oniimai
Dente – icido
Dez – nagafebequiro
Dia – monaidê
Doença – duico
Dois – mênaide

– **E** –

Ele – iuuré
Enteado – erecama
Encantado – idjémuidomo
Enterrado – rága
Envireira – irida
Escada-de-jaboti (cipó) – djuicuruo
Escroto – inhigue
Esperma – uqui
Espeto – hêdica
Espinho – édo
Espírito – rorênio
Espirar – açerite
Esta, e – bie
Esteio – goguira
Estrela – ocudo
Estrela da manhã – monaecudo
Estrela da tarde – ificorenio
Eu – côe
Excremento – némuie

– **F** –

Faca (de taboca) – quéfai
Fagulha – énicane
Fantasma – rorênio
Febre, febril – abiucaride
Fígado – bânui
Filha – iça
Filho – ito
Fino – dibiréde
Flecha – ceda
Flechinha – uibáre
Flor – caféde
Floresta – iriréde
Fogo – ire
Folha – hábe (papel)
Folha de fumo – dêobe
Formiga de fogo – équinióna-haide
Fornicar – uiéride
Forte – marida
Fraco (não presta) – mara-niéde
Friagem – rodime
Frio – rociridé
Fruto – djicide
Fumaça – oididé
Fumo (tabaco) – diéra

– **G** –

Gafanhoto – fiódo
Gafanhoto serrador – djani-

cônio
Gaivota – teja (soa terra)
Galho – ônogai
Galinha – ataua
Garça – méni (branca)
Garça – hóde (azul)
Gavião-real – mairânio
Gengiva – icique
Genro – niécore
G'a – nofanio
Jiboia – amaçi
Glande = gamo – héro
Gordo – muiróque
Gosma – muiroque
Gostar – onagáiduque
Grande – adjué
Grávida – uruécide
Grosso – adjué

– H –

Himen – utáde
Igapó – icóre
Igarapé – idjiétué
Incestuosa – hitômaguece
Incestuoso – hicorigue
Inhambu – djótoro
Inverno – uaiquidedje
Irmã, irmão – ama
Íris (olho) – coréquido

– J –

Jaboti – odjereminio
Jacamim – baquita
Jacaré – naima
Jacina – amudjique
Jacundá – iãma
Jacuraru – quêma
Jamaxi – quiriga
Jararaca – iuana
Jejum – guniéde
Jiqui – çeda, irida
Joelho – caniquêvo
Juruti – fuecanio

– L –

Lábio –fuéigo
Lacrau – acaido
Ladrão – fuiréde
Lago – rorái
Lágrima – éde
Leite (látex) – éde
Leve – ménide
Liga de braço de homem e de mulher – djómani
Língua – eirfe
Longe – arité
Lontra – hitiróquinio
Louro – efiuca.
Lua – fuiui (m)
Luar – marenn-ui-toma
Luz – ira

– M –

Macaco-barrigudo – hemêi
Macaco-caiarara – homa.
Macaco-de-cheiro – tidi
Macaco-coatá – guáme
Macaco-guariba – ia
Macaco-leãozinho – çumique
Macaco-da-noite – himóque

Macaco-parauacu – hidóbe
Macaco-prego – eiahõma
Machado – djaigo
Machado pequeno – mego-runio
Mãe– êi
Magro – iaronaite
Maguari – curuto
Mandioca – ruidjire
Mão – onodi
Mapati – cirico
Maracanã – êrade
Marajá – djajéda
Marianita – irídique
Marido – oine
Mato – racique
Matrinxã – ruidone
Masturbação – hidinêcéte
Mau (não presta) – maraniéde
Meato – ucófe
Mel – quifó
Mergulhão – nibódo
Mentiroso – tanodjoto
Meu, minha – coé
Mijo – bodide
Mijar – bodisaideco
Milho – bédjado
Minha – coé-í?
Miolo – tiéme?
Minhoca – cuio
Moça – hitânio
Morcego branco – hidocuiha-oadiréque
Morcego branco – uguanho
Moquém – çaié
Morte – fioidéte
Mulher, esposa – oáli
Muirapiranga – quiritênio
Mutuca – mocódi
Mutum – afóque

– N –

Nadar – êidei
Nádega – moidji
Nariz – dóre
Narrador de histórias – bune-mara-mana
Neta, o – ito
Nevoeiro – oidjiêde, imane oidjiêde
Noite – nágo
Nora – mio
Nós – uana
Nosso – caige
Nuca – quimado
Nuvem – naride

– O –

Olhar – erouóde
Olho – uici
Onça grande – hanadjári
Onça maracajá – djamoronio
Onça maracajá pequena – didicuaru
Onça-pintada – hiráco
Onça-vermelha – édoma
Ombro – fecaidjeido
Onde – neuome
Ontem – nauide
Orelha – héfo
Osso – idjáque
Ovo – hêgue

– **P** –

Paca – êrnei
Pai – morna
Pálpebra – uicicóro, uicóro
Panela – nôgo
Panela grande – nogore
Papagaio-coroa – cuiódo (?)
Papagaio-da-beira-do-rio – uéo
Papagaio-da-terra-firme – çaroque
Papo – uorêgo
Patauá – comahí
Patinho – cugue
Pato – nóco
Pau de balsa – fenaque
Pé – éidi
Pedra – nifique
Pedra de fogo – cadjáque
Peito de homem – ógobeide
Peito de mulher – mono
Peito do pé – éidiémodo
Peixe-boi – hejádemá-edjéneduma (anta da água?)
Peixe-cachorro – ofáibe
Pele – nécuio
Pelo do púbis – hueque
Pena – ibe
Pente – hibôni
Pequeno – ranoréde
Periquito – gairicone
Perna – eidade
Perto – iaréde
Pesadelo – ranabacuéfana
Pesado – mérede
Pescada – nofidio
Pescador – aimarame
Pescoço – quimágo
Pestana – uicitera
Pica-pau – rócadirene, tuierênio
Pingo (de chuva) – éciodédje
Piolho – ibôma
Piranha – imênia
Pirapitinga – tigábinio
Pirarucu – gadi
Piúm – êinique
Planta do pé – eidiero
Pomba-galega – fuiquiri
Porco – mero
Porta – naçe
Pote – djiéroda
Praia – guarurama, coinedjé
Preguiça (animal) – djaino
Preto – ritodjague
Prima, o – ama
Primeiro – oniimé
Pular – daiade
Pulmão – háfaique
Puraquê – tó

– **Q** –

Quatro – nagaamaite
Queimar – ôcide
Queixada (porco) – emo
Queixo – aimaco
Quem – bui-é

– **R** –

Raia – córenio
Raio – améu

Raiz – hainau
Ramela – muiroque
Rapaz – cunerué
Rato (peito branco) – minte
Rato (peito preto) – niuçu
Rede – quinai
Rede para apanhar animais – djoiri
Redemoinho – córapo
Redondo – ituba
Relâmpago – boride
Remador – haraima
Remo – harafai
Resina – iclii
Resina de sorvete – iqui
Rins – tucuréri
Rio – êmani
Rir – ráicite
Rolha (de papel) – hábe
Roncando – hicoquitê
Rouxinol – quinédoidjema

– S –

Safadeza – uárico
Santo – fenare (de renaque)
Sapo-cururu – curéque
Saracura – toça
Sardinha – madivai
Segundo – hiameé
Seiva – hénuidia
Semém – uqui
Semente – niequique
Sete-estrelo – ucuvo
Sexo (h) – hédina
Sexo (m) – hiáne
Sobrancelha – uinacaibé
Sogra – hifano
Sogro – hifai,
Sol – itôma (h)
Solteiro – ainiédo
Sombra (de gente) – hánaba
Sonho – inêide
Sono – hárue
Surubim – ináida
Sucuriju – nôio
Surucueu – monare

– T –

Tabatinga – hinhoraque
Tamanduá-bandeira – érênio
Tamanduá-colete – dôbode
Tamanduaí – nonoco-quenio
Tamaquaré – riciagoda
Tambaqui – dioba
Tamoatá – énico
Taniboca – méroçigue
Tapagem – dorécotête
Taracuá fino – raraquini
Tartaruga – meninio
Tatu-canastra – hicodainanó
Tatu-grande – niénenio
Tejuco – sacób
Telhado (de caranã) – enêco
Tempestade – alfuibidje
Terra – enêei
Testa – uiéco
Teu – cié
Tia – êi
Tição – iráique
Timbó – fuiana, fuiau
Tio – iço
Tipiti – inaraco

Tipoia – rêrêfe
Tornozelo – taiciconhe
Tossir – téide
Trabalhar – mahiduque (está trabalhando)
Traíra – hidêmo
Travessão – icoi
Traz – atébeni
Tremer (com febre) – çuinóde
Três – daimanite
Treva – hitiréde
Tripa – hébe
Tristeza – coméque facáduque
Trovão – gurude
Tu – ó
Tucano – nocaido
Tucum – niéquero
Tucunaré – çani
Tuiuiú – ámenoicado

– **U** –

Uaranarana – garadoaí
Uirapuru – totigoma
Um – dáde
Umbigo – mutida
Unha – onocobe
Urina – bodide
Urinar – bodisaideco
Urubu – ino-ino
Urubu-rei – ino

– **V** –

Vaga-lume – ébinio, jacudo
Valente – rêriédo, reiréde
Veado – quito
Veado-roxo – djaúba
Veia – niécuio
Velha – oáquimá
Velho – oaquirná
Veneno – álfoi
Venta – dovoifo
Vento – bétade
Verão – fuémona
Vermelho – riaréde
Via látea – haiaráfe
Vinho (refresco) – hágabe
Virgem – niáotanégue
Vitória-régia – nuioguiê
Viúva – fequima
Viúvo – fequinio
Vomitar – quêquéde

– **Z** –

Zangado – coé-iquirité
Zarabatana – obidjáca

FRASEOLOGIA UITOTO

1. A alma foi para o outro mundo: horênio abibeconio raide.
2. Abre a porta: Naçé icone
3. Conta! Conta!: djoinome! djoinome!
4. Contador de história: bunemara mana.
5. Desmancha!! Desmancha!!: çui! çui!
6. Está sonhando: nécarite
7. Estar com frio: roiçinéde aite
8. Estás aí: iteó que di.
9. Estou aqui: êh, êh iteó qué.
10. Estou zangado porque não chegou notícia: coé bebiniéd corá bebeuied.
11. Eu tenho: coé moite.
12. Eu não tenho: coé moiniéde.
13. Fecha a porta: naçe iba.
14. Já vem chuva: nóque déa bidja
15. Já vou: raraidique.
16. Minha irmã: coé ama.
17. Minha neta: coé ito.
18. Minha tia: coé êi.
19. Não quero: guniéde.
20. Aonde vai: neneráido.
21. Outro verão começou: hêamona idjaque
22. Quero dormir de boca a-berta: iniacaduque afarite
23. Tu tens: omoite.
24. Vai embora: raimánia.
25. Vem cá: bie beni.
26. Vem comer: guiça bide.

BIBLIOGRAFIA

Para um estudo mais amplo, que pretendia fazer entre os UITOTO localizados em Mataurá, no município de São Paulo de Olivença, Estado do Amazonas, organizei uma bibliografia que poderá ser útil aos estudiosos dessa tribo avaliada, ainda há poucos anos, em 20.000 almas e cuja língua harmoniosa, na expressão de Koch-Grünberg, "não apresenta nenhum parentesco com a família caraíba", sendo considerada modernamente por Paul Rivet uma língua isolada.

Muito me vali do tomo II da AMAZÔNIA COLOMBIANA AMERICANISTA (n.º 4-8, ano de 1944), para a organização da presente bibliografia, mas, também, de outras fontes de leitura, na Biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi e na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

As indicações mais recentes são devidas à obra de George Peter Murdock, *OUR CONTEMPORANY PRIMITIVE.*

ARBELAEZ, PERlEZ. *Plantas útiles de Colombía.* Imp. Nac. Bogotá, 1936.

BATTINI, VIDAL DE BETA, ELENA. *La Leyenda de la ciudad perdida.* Separata das Relações da Sociedad Argentina de Antropologia. Buenos Aires, 1942.

BATET, P. NARCISO DE, O. F. M. CAPO. *Relación de la excursíon por el Putumayo basta Ios indios del Peneya,* Carta ao Superior Regular fechada el 24-IX-1928, en Mocoa. pp. de ofício inéditas.

BOXLER, KARL. *Bei den Indianern am Putumayo – Strom.* Friburgo (Suiza). Ed. Kaniuswerk, 1934, p'. 265-270 Y 284-286.

CASTELVI, P. MARCELINO DE, O. F. M. Capo. *Algunos cuentos de la tribu IFUKUÉME relacionados con la subtribu de Salado Grande.* Sidunboy, 1932. Manuscrito inédito.

CASTELVI, P. MARCELINO DE, O. F. M. Capo. *Fragmentos de encuesta sumária del buitoto de Guepi y Peneya*

(INFIKUÉNE). Informador Francisco Infikwene. Bidunboy, 20 – VII – 1933.
CORTS LES, P. ESTANISLAO DE, O. F. M. Capo. "Datos y tradicrunes sobre los pueblos de indios huitotos y orejones de "mas abajo de Ia Concepcion". *Em Informes sobre las missiones del Putumayo.* Bogotá. Imp. Nac., 1913.
CORTS LES, P. ESTANISLAO DE, O. F. M. Capo. Entre los huitotos dei Alto Putwnayo (Caimitos). Descrición de sus bailes y de algunas costumbres. Em *Informes de las missones catolicas de Colombia de los anos 1919-1921.* Bogotá. Imp. Nac. 1921.
CLAES, F. Chez les Indiens Huitotos et Correguaies. *Bulletin de La Societé Royale Belge de Geographie,* voIs. LV – LVI. Bruxelas, 1931-32.
CRÉVAUX, JULES. *Voyages dans l'Amérique du Sud.* Paris, 1883.
CALELLA, P. PLACIDO DE. Missionero O. F. M. Cap. *Breve listra de vocablos muinane – witoto de Piñuña Negro.* Puerto Assis. Ms. inédito. Marzo de 1933. En el Archivo CILEAC, de próxima publicación.
FARABEE, W. C. Indian Tribes of Eastern Peru. *Papers of the Peabody Museum of American Archaelogy and Ethnology.* Vol. X. Cambridge, 1922.
GRÜNBERG, THEODOR KOCH. Les Indíens Ouítotos, étude linguistique. Em *Journal de la Société des Américanístes,* de Paris, 1906.
__________. *Die Indianerstãmme am oberen Rio Negro und Yapurá und ihre sprach liche Zugehorigkeit.* Zeitschrlft für Ethnologie. Vol. XXXVIII. Berlim, 1906.
GRAEBNER. *Méthode der Ethnologíe.* Reidelberg, 1911.
GARZÓN, P. LUIZ BELTRAN DE, O. F. M. *Missionero y Capelán militar.*
__________. *Encuestas linguisticas de várias línguas y dialectos de la región de Tarapaca.* Ms. En el Archívo de CILEAC de próxima publicación.

HARDENBURG, W. C. The Indian of the Putumayo, Upper Amazon. Em *MAN*, voI. X, Londres, 1910.

IGUALADA, P. BARTOLOlVJÉ DE. O. F. M. Capo als Huitoto of the Hugumani. Una Superstición de los Indios. Em *Catalunya Franciscana*. Barcelona, ano II, 1924.

__________. Sobre los indios Caimites Sebuas, etc., del antiguo Guepi V algunos de Pefia Blanea (Putumayo), cerca Remolino. Em *Informes de la mission del Caquetá en 1930-31*. Bogotá. Imp. Nac., 1932.

JARAMILLO, A. ROBERTO. *Monografias botânicas, Totumas y cuyabras*. Universidad de Antioquia. Medellin, n.º 53-54, 1942.

MANRESA, P. FRUCTUOSO DE, missionero O. F. M., Capo. *Encuestas linguisticas sumárias dei dialecto muinane-witoto (dei grupo manekka, farnilia línguística Wítoto)*. Inéditos do Archivo de CILEAC, de próxima publicación.

MALARET. *Dicionário de americanismos*. San Juan de Puerto Rico. Typ. Venezuela, 1931.

MARTIUS, F. KARL. *Beítrâge zur Ethnographie und Sprachekund America*, 1867.

NIMUENDAJÚ, CURT. *Vocabulário da Língua Uitoto*.

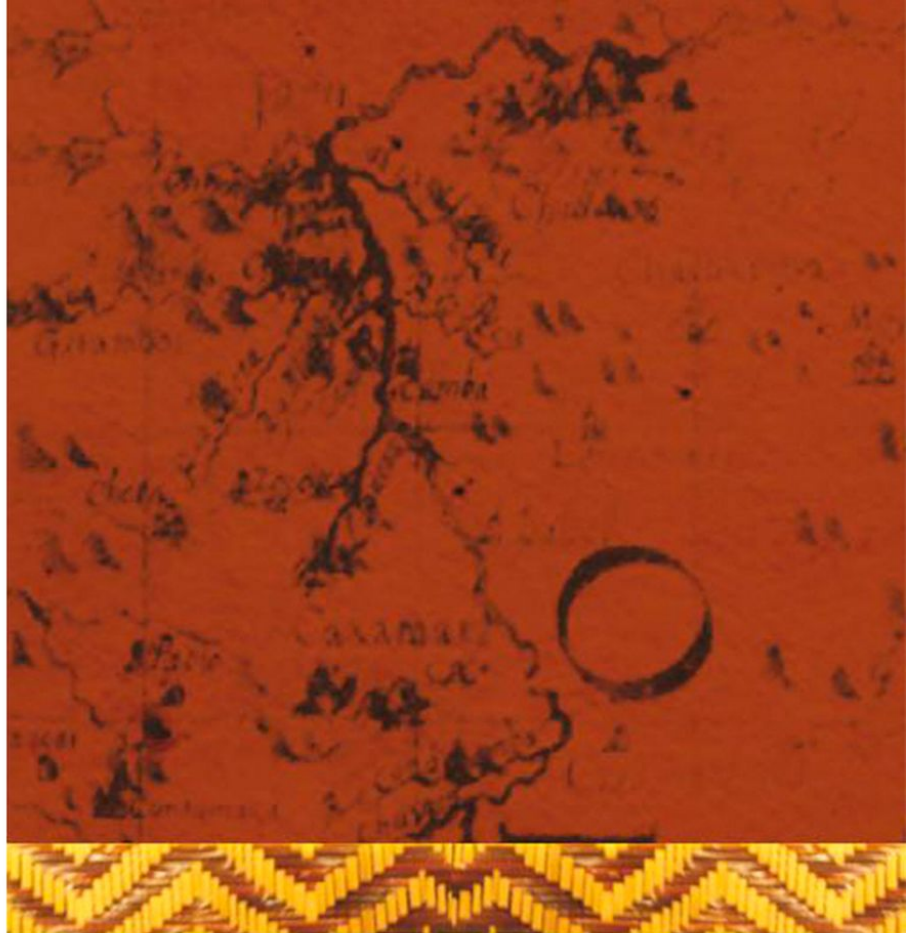
PREUSS, KLT. Bericht über meine archäelogíschen un ethnologischen Foorschung reísen in KoIumbien. *Zeitschrift für Ethnolologie*, Vols. LII-LIII. Berlim, 1920-21.

__________. *Religion und Mythologie der UITOTO*. Gotingen. Ed. Vandenhoeck. Tomo I, 1921; t. n, 1923.

PINELL, P. GASPAR DE, O. F. M. Cap. *Notícias remetidas ai padre prefecto, de 1917-1918*. Bogotá. Imp. Nac., 1918.

QUITO, P. JACINTO DE, O. F. M., Cap. *Relación de viage... entre las tribus uitoto*. Bogotá. Imp. Nac. "LA LUZ", 1908.

RESTREPO, MILLAN. *Chigys mie: Leyendas Chíbchas, da Condessa Gertrudis von PODEWILS-DURNIZ*. Bogotá. "CROMOS", 1930.

RICARD, ROBERT. La düfusion de la legenda des Sept Cités en Amérique. Em *Journal des Amértcanistes*. Paris, XXVIII, 1936.
SCHMIDT, HERMANN. Die Uitoto – Indianer. Ed. por Koch-Grünberg. Em *Journal des Américanistes*. Paris, Nouvelle Série, vol , VII, 1910.
STEWARD, JULIAN H. The Witotoan Tribes. *Handbook of South American Indians*. Smithsonian Institution. Vol. 3, 1948.
TESSMANN, G. *Díe Indianer Nordoat – Perus*. Hamburgo, 1930.
TORTELLA, P. CLEMENTE DE, O. F. M., Capo. *Censo de los Sebúas y – Kalmitos de Güepi*. Ms, inédito, 1928.
VEHRHAN KARL. *Die Sage*. Handbuecher zur Volkskunde . VaI. I. Leipzig . W. Heims, 1908.
WHIFFEN, T. *The North-West Amazons*. Londres, 1915.
___________. A Short Account of the Indians of the Issa - Japura District. *FOLKLORE*, vol. XXIV. Londres, 1913.
WUNDT. *Voelkerspsychologie: eine Untersuuchung der Entwicklung sgesetze von Spreche*. Mythus und Sitte. Lelpzig, 1911-1915. 2.ª ed. (6 vols).
WOODROFFE, J. F. *The Upper Reaches of the Amazon*. Nueva York, 1914.

Para lhe limpar o estômago, davam-lhe de beber água de *cedrereila*.

Para se casarem obedeciam à seguinte tradição: o pretendente à mulher, pedia-a ao pai e, se ela fosse órfã, pedia ao tio mais velho e, assim, sucessivamente, até pedi-la ao avô ou à mãe.

O pretendente era assim obrigado a trabalhar para o sogro. Quando acabava de trabalhar levava a mulher para a casa dos seus pais. Eram monógamos. Não admitiam relações entre parentes próximos. Ao encontrar uma tia o sobrinho voltava o rosto de lado e a deivava passar.

Quando nascia uma criança não faziam festa, mas obedeciam a um resguardo que chamavam *fuimáde*.

Ao umbigo da criança, que a própria mãe cortava, chamavam *rêquima*.

Se a criança era do sexo masculino o pai lhe dava um destes nomes.

As mães carregavam os filhos em tipoias, que eram feitas de tururi branco, sendo algumas artisticamente pintadas. Morto qualquer indivíduo, era enterrado no centro da casa, que continuava a ser habitada pela família. Era enfaixado (entaniçado) com tururi e enterrado deitado. Não festejavam os mortos como não festejavam, também, casamento.

ISBN 856421850-X

Secretaria de
Estado de Cultura

TRABALHANDO PARA CRIAR OPORTUNIDADES

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado